

AS PRÁTICAS DOCENTES NA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS ESCOLAS.

Brenda da Silva Ferreira; Isabela Pereira Vique.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Problematizando algumas práticas docentes que se constituem no cotidiano e reproduzem o machismo, através de seximos, o presente artigo se constituiu por meio de entrevistas e coletas de dados de vídeos do *Youtube*.

Nesta pesquisa, pode-se perceber algumas questões a cerca de debates pertinentes às segregações por gênero e sexualidade que estão introduzidas nas ações cotidianas e podem ocorrer através da reprodução de práticas enraizadas nos processos de escolarização.

Para pautar os questionamentos, utilizaram-se as perspectivas dos estudos nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2008), que nos levam a refletir sobre novas formas de produzir conhecimento. Entendendo que as experiências individuais tecidas em diversas redes encontram-se nas escolas e fabricam, reproduzem, criam e recriam significações e conhecimentos que são produzidos coletivamente (OLIVEIRA, 2007, p. 111) e que procuramos compreender.

Os estudos com os cotidianos não procura explicações, ela considera os engendramentos específicos de cada *espaçotempo* e nos ajudam a compreender as interações que ocorrem desde as creches/pré-escolas e os reflexos das mesmas na construção das subjetividades das crianças na medida em que vão atribuindo sentidos a elas mesmas, com cada percepção que fazem dos objetos que lhe são destinados, assim como brinquedos, cores, atividades e direcionamentos sobre o comportamento instituído como “adequado”.

Dez professoras foram entrevistadas, todas mulheres, que atuam em realidades diferentes. Possuem processos de formação diferenciados, pois se formaram em instituições diferentes, assim como em épocas distintas. Apesar de se assemelharem em suas respostas, cada uma possui uma dinâmica diferenciada em sala de aula, visto que a interação entre professora e criança se dá de diferentes modos.

Foram relatadas filas separadas por gênero e uso de cores determinadas para meninas e meninos, assim como brinquedos organizados separadamente nos cantinhos. Mas, não há influência no desenho livre das crianças, com as cores que devam usar nas pinturas ou desenhos. Há professoras que não separam os

brinquedos nos cantinhos para as meninas e os meninos. E houve, acima de tudo, responsabilidade com o ato de educar.

Um ponto forte nas entrevistas, de acordo com o relato das professoras, foi o comprometimento que todas elas possuem com o seu trabalho. As educadoras nunca entram sozinhas em suas salas de aula. E essa capa, repleta de subjetividades, sistemas educacionais, formação acadêmica, pesquisas educacionais, e artefatos tecnológicos, ajudam a nortear as suas ações, sendo elas sexistas ou não.

De acordo com Guacira Louro, os símbolos, códigos e as arquiteturas, presentes nas escolas produzem as diferenças, as distinções e a desigualdade, limitando os espaços e delimitando o que cada criança pode ou não pode fazer, instituindo normas e regras de acordo o gênero binário que lhe é denominado, produzindo a escolarização dos corpos e das mentes, afirmando e confirmando as diferenças produzidas. Neste sentido:

Por um aprendizado eficaz, continuado e sutil, um ritmo, uma cadência, uma disposição física, uma postura parecem penetrar nos sujeitos, ao mesmo tempo em que esses reagem e, envolvidos por tais dispositivos e práticas, constituem suas identidades “escolarizadas”. Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporado por meninos e meninas, tornando-se parte de seus corpos.

Assim, a escola imprime sua marca distintiva sobre os sujeitos, por meio de múltiplos e discretos mecanismos que fazem com que meninos e meninas passem a naturalizar aquilo para que foram treinados, se colocando no lugar que lhes caberia, o da menina, de ser a delicada, que gosta de princesa e que cuida da família e conseqüentemente brinca de boneca e panelinha, e do menino o de ser o esportista ou o super herói. Contudo, os sujeitos "não são passivos receptores de imposições externas" (LOURO, 2014, p. 65).

Compreendemos que os discursos e as práticas que naturalizam e engendram a associação corpo-sexo-gênero-sexualidade pela perspectiva da diferença sexual e da heteronormatividade, bem como as desigualdades sociais que ela promove, é uma produção sociocultural que categoriza pessoas a partir dos órgãos genitais, no contexto de relações de saber-poder historicamente situadas, sendo produzidas cotidianamente pelos sujeitos.

As normas escolares, os materiais didáticos, as práticas educativas ou o currículo, são espaços-tempo de construção de identidades, das diferenças, e dos preconceitos relacionados ao que é diferente, Guacira acrescenta a importância da discussão e de repensar as práticas escolares e que é "indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como

ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem" (LOURO, 2014, P. 68).

Uma das fontes de pesquisa para o trabalho das professoras de Educação Infantil são as páginas da internet. Tal afirmativa se constatou na entrevista, em que todas afirmaram utilizar as páginas virtuais como campo de pesquisa para suas atividades e organizações de espaços, assim como para confecções de materiais.

A interconexão de computadores, assim como as comunicações que se estabelecem a partir deles, é denominada pelo pesquisador francês Pierre Lévy como *ciberespaço* (1993), onde se formam redes de conhecimento através da transmissão digital, alimentadas pelos seres humanos que se utilizam desse espaço, criando assim uma inteligência coletiva, que seria “distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (LOYOLA, 2003, p. 28).

A conexão que se estabelece através dos artefatos tecnológicos, como computadores e celulares, iniciam trocas de conhecimentos e buscas por solução de dúvidas e questionamentos. Algumas professoras apontaram que retiram e reinventam muitas ideias através dos grupos do *Facebook* destinados para esses fins, além de seguirem páginas criadas por outras professoras que utilizam-se desta ferramenta para exporem suas ideias e práticas, bem como o uso do *YouTube* como potencializadores dessas experiências, possibilitando a propagação, em grande escala, do material compartilhado. Vejamos:

O YouTube, mais ainda do que a televisão, é um objeto de estudo particularmente instável, marcado por mudanças dinâmicas (tanto em termos de vídeos como de organização), diversidade de conteúdos (que caminha em um ritmo diferente do televisivo mas que, da mesma maneira, escoar por meio do serviço e, às vezes, desaparece de vista) e uma frequência cotidiana análoga, ou “mesmice”. (...) É entendido de vários modos: como plataforma de distribuição que pode popularizar em muito os produtos da mídia comercial, desafiando o alcance promocional que a mídia de massa está acostumada a monopolizar e, ao mesmo tempo, como uma plataforma para conteúdos criados por usuários na qual desafios à cultura comercial popular podem surgir.

Desta forma, entendemos a importância dos artefatos tecnológicos e midiáticos na formação de professoras da Educação Infantil. Se de fato, elas se utilizam desta rede de conhecimento que se caracteriza pelo compartilhamento de informações e subjetividades, entendemos assim, que as significações se cruzam e geram resultados em suas interações fora do ambiente virtual com as crianças pequenas a quem as professoras dialogam e ajudam a produzir sentidos através de suas práticas cotidianas.

Sabemos a responsabilidade das educadoras atuantes na Educação Infantil, mas não podemos atribuir a elas a culpabilidade única por suas práticas que não se encaixam nas perspectivas de igualdade social, a partir das conversas realizadas, percebe-se um ponto em comum entre elas, que são as condições de trabalho que são submetidas. Um fator que foi apontado como fundamental norteador para o trabalho que exercem na Educação Infantil, foi o número de crianças por turmas chegando a 25 crianças para uma única professora.

Há de se considerar, desta forma, que o resultado da atuação das professoras de Educação Infantil em suas salas de aula, com as crianças de zero a seis anos, vai muito além de questões que estão ao seu alcance. São firmadas pelas suas formações individuais e coletivas, com os muitos artefatos a que elas têm, ou não acesso, e perpassam pelas condições de trabalho que são apresentadas a elas e que interferem diretamente em suas práticas. Essa discussão e a desconstrução das visões do conservadorismo que tentam inibir e distorcer informações de suma importância para a inclusão das mais variadas formas de identidade.

Referências

_____. Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2008, p.13-38.

BURGESS, Jean. YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade / Jean Burgess e Joshua Green; com textos de Henry Jenkins e John Hartley; tradução Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 65, 2014

LOYOLA. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo, 2003

OLIVEIRA, I. B.. O campo de estudos do cotidiano e sua contribuição para a pesquisa em educação. In: Cleonara Maria Schwartz; Janete Magalhães Carvalho; Regina Helena Silva Simões; Vânia Carvalho de Araújo. (Org.). Desafios da educação básica e pesquisa em educação. Goiabeiras-Vitória-ES: EDUFES, 2007, v. , p. 107-127.